

(DE)QUEÍSMO: VARIAÇÃO EM CONEXÕES INTERSENTENCIAIS

MARIA CECILIA MOLLIÇA

1 - DEQUEÍSMO E QUEÍSMO

Das estratégias de relacionar enunciados sentenciais subordinados, a língua portuguesa utiliza sobremodo o conector “que”, tanto como complementizador quanto como relativizador. Esse elemento pode vir eventualmente precedido de nexos prepositivos, e a preposição “de” é aplicada em vários casos. Assim, há fronteiras intersentenciais conectadas com a variante “ \emptyset que” e outras, com a variante “de que”, e, em algumas, as duas variantes são utilizadas alternativamente.

Nas fronteiras em que há variação entre “ \emptyset que” e “de que”, há sempre a prescrição de uma forma em favor da outra, segundo a norma gramatical tradicional. Por exemplo, em:

(1) Penso “ \emptyset que” tudo vai mudar,

a utilização da variante “ \emptyset que” está de acordo com as normas do português, mas em,

(2) Penso “de que” tudo vai mudar,

o uso de “de que” constitui infração em relação ao que se prevê tradicionalmente. Por outro lado em:

(3) Tenho a impressão “de que” tudo vai mudar,

o “de que” é uma construção, senão prescrita como a mais correta, pelo menos a preferida pela maioria dos autores, em comparação a:

(4) Tenho a impressão “ \emptyset que” tudo vai mudar.

Assim, entre os enunciados (1) e (2), é a presença da preposição que transgredir a norma gramatical. No entanto, entre (3) e (4), é a sua ausência que configura desvio dos padrões recomendados. Sob uma ótica prescritivista, em que se leve em conta uma atitude normativa, o dequeísmo se define como a inserção indevida do nexos preposicional, em (2), enquanto o queísmo se define pela sua ausência, em (4).

Maria Cecília Mollica. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As fronteiras em que podem ocorrer o dequeísmo e o queísmo em português, na língua falada, são as arroladas e exemplificadas a seguir.

Dequeísmo

1) Oração subordinada substantiva subjetiva

(5) “É *preciso*, com muita calma e precaução e com muita objetividade, *de que se faça* uma nação mais digna, sem os famosos e imperiais que reinam por aí”. (Deputado Federal, em pronunciamento do partido a que pertence, em janeiro de 1988)

2) Oração subordinada objetiva direta

(6) “Sr. Presidente, face estar na presidência da Comissão de Educação, Cultura, Turismo e Esportes, *requeiro* a Vossa Excelência *de que* o projeto de lei nº X...” (Vereador do Município do Rio de Janeiro, durante sessão na Assembléia Legislativa, em agosto de 1988)

3) Oração relativa

(7) “Vão pagar por uma coisa *de que* não fizeram.” (Subdiretora de Escola Estadual do Rio de Janeiro, durante reunião, em novembro de 1988)

4) Locuções conjuntivas

(8) “Tanto é que ele não acha ruim comigo. *Por causa de que* ele não acha ruim? Porque eu digo mesmo para ele: não, não. Não estou tirando nada, isso daqui é meu...” (Amostra Censo, informante 9)

5) Verbo + adjetivo + de que

(9) “Pela sua condição olímpica de deusa da Vitória, Atenas empenha-se a fundo e não perdoa seus inimigos que, afinal, são os *responsáveis de que* a paz não tenha sido conseguida.” (Revista *Mitologia Universal*, n. 4)

6) Oração subordinada substantiva apositiva

(10) “Basta *dizer isto: de que* essa metáfora das luzes é exclusiva do século XVIII.” (Professor de Literatura, Faculdade de Letras, UFRJ, durante uma aula, em setembro de 1988)

Queísmo

1) Verbo transitivo indireto + (de) que

(11) “E você não *gostaria mesmo de que* eu falasse de água?” (NURC/RJ : 31-DID)

(12) “Ele não *gosta* *de que* interrompam a aula para pedir explicações.” (NURC/RJ : 31-DID)

2) Verbo pronominal + (de) que:

(13) “Eu *me lembro de que* o professor, uma vez, o professor disse que ninguém sairia dali para o futuro.” (NURC/RJ : 257-DID)

(14) “Vocês *se lembram* *de que* naquele primeiro texto que nós vimos aqui a respeito de estilo...” (NURC/SP : EF-M)

3) Verbo + nome + (de) que:

(15) “*Tenho certeza absoluta de que* a Companhia Nacional ia se aproveitar desse negócio.” (NURC/RJ : 256-DID)

(16) “Eu *tenho a impressão* *de que* deve andar até cobra naqueles jardins ali no Fundão.” (NURC/RJ : 233-DID)

4) Verbo + adjetivo + (de) que:

(17) “*Estou convicto de que* essa crise foi resultado de uma má administração anterior.” (NURC/SP : 269-DID)

(18) “... *estou convencido* em suma... *de que* ver hoje Alvorada da Glória... é para nós brasileiros... uma experiência intelectual muito mais estimulante...” (NURC/SP : 269-DID)

5) Substantivo + (de) que:

(19) “Um tipo de família matriarcal, onde havia a predominância da mulher, aquela *idéia de que* os trabalhos se faziam em torno da casa, a idéia do culto da fertilidade, tá?” (NURC/RJ : 384-EF)

(20) “Eu acho maravilhoso o *fato* *de que* lugares que fazem música brasileira tenha essa quantidade de gente”. (NURC/RJ : 256-DID)

6) SN + (de) que + oração relativa:

(21) “... na última reunião do Conselho Monetário, *de que faz parte* o Ministério da Habitação, nós aprovamos um pleito do governo de Alagoas.” (Político, *Debate em Manchete*, 16 nov. 1988)

(22) “... Todas as *manifestações* *de que* nós precisamos das autoridades superiores...” (Político, *Debate em Manchete*, 16 nov. 1988)

7) Locuções prepositivas ou conjuntivas:

(23) "... A construção imobiliária agora, ela deu margem para que você destruisse, acabasse com a cidade, *no sentido de que* houve uma lei no governo Lacerda que teoricamente seria em benefício da Cidade *no sentido de que* você poderia subir um número de pavimentos na medida que você afastasse a construção lateralmente". (NURC/RJ : 256/DID)

(24) "Eu já tive a audácia de dizer que não importa o problema político nacional *no sentido de que* certas liberdades não existem, isso é claro". (NURC/RJ : 256-DID)

(25) "Ela vai colocar no microfone *a fim de que* possamos, portanto, continuar a Assembléia". (Professor Municipal em Assembléia da categoria, 04 jun. 1988)

(26) "... hoje *apesar de que* muita gente não percebeu: os policiais disseram para gente que a gente tinha mais é que fazer greve". (Professor Municipal em Assembléia da categoria, 04 jun. 1988)

Esses fenômenos são também encontrados no espanhol da Península Ibérica e da América Latina, mas não há paralelismo perfeito entre as duas línguas, pelo menos até agora quanto aos contextos estruturais. Por exemplo, para o dequeísmo, o português tem apresentado estruturas como as arroladas de (5) a (10), mas não há registro de casos como "evidentemente que", com advérbio, ou "oxalá que", com interjeição. Vale registrar que a grande maioria dos dados dequeístas é constituída de orações objetivas diretas como em (6).

Por outro lado, dos contextos queístas registrados por Rabanales para o espanhol, não encontrei o caso de advérbio + "de que": "independentemente (de) que se considere esse assunto..." (1974, p. 435). Há de se ressaltar também o fato de que, das locuções prepositivas e conjuntivas, apenas "no sentido de que", "a fim de que", "apesar de que" são afetadas pelo dequeísmo no português. Há outras atingidas, como "na medida em que", que envolvem outras preposições.

2 – (DE)QUEÍSMO

Queísmo e dequeísmo podem ser considerados de modo isolado, mas também ser enfocados convergentemente, na medida em que não se adote atitude normativa e se considere simplesmente a existência, na língua, de variação em fronteiras intersentenciais, envolvendo as variações "de que" e "de que" tanto nos contextos queístas quanto nos dequeístas. Nesse caso, convém adotar a denominação (de)queísmo.

Neste artigo, privilegio a questão do enfoque único aos dois processos, evidenciando-o através de uma análise multivariacional tipicamente

laboviana de base quantitativa. Demonstro que é possível falar-se em (de)queísmo no português, tal como o fazem Rabanales (1974) e García (1986) para o espanhol. Vou transpor para este texto alguns dos resultados a que cheguei na pesquisa de tese de doutoramento (cf. Mollica, 1989a), testando variáveis comuns a dados queístas e dequeístas reunidos em uma única data base. Vou, então, discutir apenas aspectos intersistêmicos relacionados ao (de)queísmo, uma vez que as questões extra-sistêmicas, sob quase todos os aspectos, devem ser tratadas distintamente para queísmo e dequeísmo.

Na pesquisa a que me refiro, concluo que o (de)queísmo está regulado por três princípios: analogia, processamento e iconicidade. Para atestá-los, um ou mais de um grupo de fatores deve ser considerado, dependendo do caso. *Grosso modo*, os três princípios aludem a: (1) o (de)queísmo envolve processos associativos; (2) ao (de)queísmo relacionam-se fatores psicolinguísticos; (3) o (de)queísmo tem a ver com uma estratégia icônico-simbólica de propósitos definidos.

Trabalhei com inúmeros *corpora*. Para o queísmo, coletei dados da Amostra Censo¹ e de parte da Amostra NURC.RJ.² Para o dequeísmo, recolhi dados de um conjunto de gravações de um determinado falante³ e de gravações realizadas na mídia sonora e televisiva.⁴ O procedimento metodológico clássico variacionista foi seguido *strito sensu*, de modo a obterem-se resultados estatísticos com vistas à confirmação dos três princípios referidos e sumariados em (1), (2) e (3).

Neste texto, vou apresentar cada um dos princípios em separado. Explico a motivação subjacente a cada um deles e sua pertinência em relação ao (de)queísmo, por meio da relevância de resultados referentes a uma variável. Em Mollica (1989), outros grupos de fatores são igualmente discutidos, no entanto não serão mostrados aqui em razão de limitação de espaço.

2.1 – Analogia

O princípio da analogia pressupõe que estruturas queístas e dequeístas são empregadas motivadas por "cruzamento sintático". Essa

¹ A já conhecida Amostra Censo se compõe de 64 horas de fala de cariocas com estratificação de sexo, idade e escolaridade. Pormenores dessa amostra encontram-se em Naro (1986), Scherre (1988) e Mollica (1989a).

² O projeto da Norma Urbana Culta possui, como se sabe, um enorme acervo de dados em várias capitais do País. São gravações de indivíduos universitários em sexo, idade e tipo de entrevista. Consultei inquéritos do *corpus* do NURC do Rio de Janeiro, privilegiando os do tipo DID e EF. O detalhamento dessa amostra acha-se em Mollica (1989a).

³ A dificuldade em conseguir dequeísmos variáveis forçou-me a trabalhar com a fala de um Deputado Federal "altamente dequeísta". São 4 horas e 38 minutos de falas esparsas em que esse Deputado aparece em programas da Rádio Jornal do Brasil (cf. Mollica, 1989a).

⁴ Pela mesma razão alegada na nota (3), coletei dados dequeístas variáveis de programas de debates no rádio e na televisão (cf. Mollica, 1989a).

idéia foi inicialmente proposta por Rabanales (1974) e serve de parâmetro para muitas análises realizadas por outros estudiosos sobre o assunto para o espanhol. De acordo com o princípio, queísmo e dequeísmo consistem num “jogo dialético de duas tendências” (cf. p. 441), na medida em que se podem explicar como o resultado do cruzamento sintático de duas estruturas lingüísticas morfo-semanticamente relacionadas. Isso se deve a uma “instabilidade normativa” (p. 415) nos falantes, segundo o Autor. Assim, queísmo e dequeísmo são sinônimos heterogenéticos, produto de dois pares de normas repugnadas: uso de uma forma conservadora (canônica) frente ao uso de uma forma inovadora (não canônica). Essa hipótese é corroborada em Arjona (1978 e 1979) e Cano Aguilar (1985), dentre outros.

A variável “cruzamento sintático” controla a possibilidade e a não-possibilidade de contextos potencialmente queístas possuírem construções equivalentes sintático-semanticamente aos contextos potencialmente dequeístas ao nível estrutural e semântico; o mesmo se aplica aos contextos potencialmente dequeístas de forma inversa. Assim, o grupo se subcategoriza em dois fatores: “com equivalência semântico-estrutural” e “sem equivalência semântico-estrutural”.

A) Com equivalência semântico-estrutural

(27) “Porque tem que chegar à conclusão de que os coletivos são mais importantes que os carros”. (NURC/RJ: 75-DID)

A sentença (27), de contexto queísta, possui correlato a contexto potencialmente dequeísta, “chegar a concluir que”. O mesmo para (28).

(28) “Portanto, eu acredito ‘Ø que’ contratações nesse ano é uma coisa fora de cogitação”. (Deputado Federal – Amostra Mídia)

A estrutura (28), de contexto dequeísta, admite o paralelo semântico estrutural “eu tenho a crença (de) que”.

B) Sem equivalência semântico-estrutural

Há, por outro lado, estruturas que não admitem paralelo semântico-estrutural, tanto em contexto queísta como em contexto dequeísta. Esses casos foram codificados como outro fator nesse grupo “cruzamento sintático”. Ver, por exemplo, a sentença (29):

(29) “Eles atribuíram o problema ao fato de que ele dizia que não estava errado”. (NURC/RJ: 75-DID)

A língua portuguesa não possui recursos estruturais para se imaginar um correlato estrutural potencialmente dequeísta à sentença (29). O mesmo para (30):

(30) “É essencial agora ‘Ø que’ a gente continue numa luta unitária junto com a AMES.” (Líder sindical – Dispersos – sem data)

Também a estrutura (30) não admite paralelo morfo-semântico à estrutura sintática potencialmente queísta.

A expectativa que subjaz à hipótese de “cruzamento sintático” pressupõe, como já disse, a operação de processo analógico explicativo ao (de)queísmo. Quantitativamente, essa é uma hipótese que tem um peso importante para se atestar a correlação de parâmetros ao fenômeno estudado. Isso se vê confirmado na Tabela 1.

TABELA 1
(De)queísmo: Analogia.

Variável	Fatores	Apl	%	Prob
Cruzamento Sintático	com equivalência	105/394	27	.60
	sem equivalência	70/542	13	.39

Segundo a Tabela 1, a variante “de que” tem maior chance de ocorrer quando as estruturas potencialmente queístas e dequeístas possuem correlatos morfo-semânticos com suas estruturas heterogenéticas. Significa, então, que existe uma motivação analógica subjacente ao emprego de “de que”, seja em contexto queísta, seja em contexto dequeísta. Assim, a hipótese de Rabanales e de outros autores, que advoga o “cruzamento sintático” como principal causa para queísmo e dequeísmo, confirma a importância da analogia como uma das explicações para os fenômenos aqui estudados quando olhados convergentemente.

2.2 - Processamento

Ao entender que o princípio do processamento constitui uma das explicações para o (de)queísmo, estou admitindo que existem condicionamentos de caráter psicolingüístico influentes sobre a tendência à emergência e à inibição de “Ø que” ou de “de que”, seja em contextos queístas, seja em contextos dequeístas. Mais precisamente, estou apostando na existência de: (a) paralelismo fono-gramatical entre presença/ausência de “de” enquanto substância fonológica e categoria morfológica prepositiva e o emprego de “Ø que” e de “de que”; (b) distanciamento físico-mecânico entre “de” e as variantes em questão e entre o elemento nuclear da matriz e a fronteira intersentencial.

Muitos trabalhos variacionistas sobre o português e outras línguas vêm demonstrando a importância de fatores psicolinguísticos em fenômenos linguísticos variáveis. Mollica (1989b) apresenta um panorama da maneira como os fatores de processamento têm sido trabalhados nos estudos quantitativos em Sociolinguística no Brasil. O referido texto sumaria os aspectos que envolvem variáveis dessa natureza, classificando os fatores como atuantes ao nível da palavra, da sentença e do discurso e cognominando-os sob o rótulo de fatores psico-mecânico-articulatórios.

Aqui apresento a importância do processamento para o (de)queísmo somente do ponto de vista mecânico, isto é, ressaltando um dos aspectos arrolados em (b). Destaco no presente texto o parâmetro “distância” caracterizado pela relação de localização entre verbo, nome, expressões em geral e fronteira sentencial apresentando “Ø que” ou “de que”. Essa variável prevê dois fatores “com distância” e “sem distância”, a saber.

A) Com distância

Foram considerados “com distância” os dados que apresentam “material interferente” entre o núcleo nominal e verbal da matriz e a fronteira da subordinada. Por “material interferente”, entende-se a presença de elementos como advérbios, expressões fáticas e outros tipos. Essa medida de distância tem sido usada em vários trabalhos variacionistas sobre o português, a exemplo de Mollica (1977), Tarallo (1983), Braga (1986) e Braga & Mollica (1986). São exemplos de “com distância” os trechos:

(31) “Estou me abstraindo, assim, de que se fazia para importar alguma coisa?” (NURC/RJ : 344-DID)

Em (31), o termo “assim” acha-se intercalado entre o núcleo da matriz e o conector da subordinada. Veja-se também (32), de estrutura dequeísta:

(32) “A gente vai acompanhando, sobretudo com a deformação jornalística, ‘Ø que’ o Ministério da Fazenda toma posse de tudo”. (Deputado Federal – Dispersos – sem data)

Como se observa, há nesse grupo de dados sempre um “intercalador”, que provoca um intervalo ou distância entre o elemento nuclear da matriz e a fronteira sintagmática. Entendo que esses “intercaladores”, na medida em que distanciam as unidades constitutivas primárias e dificultam conseqüentemente o processamento do fluxo informacional, tendem a propiciar a emergência de estruturas com “de que” dequeístas e dequeístas. A razão mais funda repousa no fato de que elementos que provocam distância podem provocar também perda no entendimento das funções

de conexão entre as sentenças. Assim, a subordinação acaba por construir-se com “de que”.

B) Sem distância

Os enunciados “sem distância” são os que não apresentam elementos intervenientes entre o núcleo da matriz e a fronteira intersentencial.

(33) “Não poderiam nem tomar conhecimento de que a camada abaixo faria”. (NURC/RJ : 275-DID)

(34) “Eu entendo de que se deseja compulsoriamente subsidiar a atividade de subsistência”. (Político – Dispersos – sem data)

Nos dados reunidos em “sem distância”, o núcleo da sentença matriz encontra-se justaposto à zona fronteira entre as sentenças, como em (33) e (34). Os resultados computacionais acham-se na Tabela 2.

TABELA 2
(De)queísmo: Processamento

Variáveis	Fatores	Apl	%	Prob
Distância elemento nuclear/fronteira	com distância	38/70	54	.70
	sem distância	137/866	16	.30

Por esses resultados, confirma-se a importância da atuação do Processamento mecânico em relação ao (de)queísmo. Quanto maior é o intervalo entre o elemento nuclear da matriz e a fronteira entre as sentenças, tanto maiores são as chances para o emprego da variante “de que” em qualquer que seja a relação de complementação sentencial.

Vale lembrar que enunciados “pesados” dificultam o entendimento das conexões, e o nexos se introduz como elemento facilitador ao processamento. Essa é uma dentre muitas estratégias auxiliares à codificação/decodificação do fluxo informacional na língua falada (cf. Mollica, 1989b).

2.3 – Iconicidade

Segundo o princípio da iconicidade, a variante “de que” transfigura uma relação icônica ao nível semântico, de distanciamento entre a matriz e o “que” da cláusula subordinada, materializado pela presença do “de”. Bentivoglio (1976) assume o elemento “de” como um atenuador de sentido e García (1986), como um mecanismo de indiretividade semântica. Para García, pode-se postular o princípio da “distância relativa”, segundo o qual a variante “de que” é mecanismo de atenuação de sentido versus “Ø que”, de justaposição (1986, p. 113, 114, 123, 125).

Para confirmar a hipótese da iconicidade semântica, García se apóia em vários exemplos, mostrando que há sempre o valor semântico-comunicativo para “de que”. A Autora sugere, então, o controle de algumas variáveis para a testagem da pertinência da hipótese do “distanciamento relativo”. Assim, espera-se que o “de que” ocorra em proposição em que não há opinião compartilhada pelo falante, em enunciados de fatos hipotéticos, em fatos propostos, supostos e futuros em opinião duvidosa. O “Ø que” deverá ocorrer em fatos reais, reconhecidos, concretos e presentes, em relação aos quais os falantes têm certeza. García pretende provar então que a presença/ausência de “de” simboliza iconicamente distanciamento e proximidade, respectivamente, do falante a respeito do que se diz. Com isso, a Autora acaba por preferir uma explicação de base funcionalista para o (de)queísmo do valor icônico-simbólico da variante “de que”, assumindo uma posição segundo a qual a sintaxe é motivada por razões semânticas e comunicativas.

“... usar *de* delante de *que* implica literal, icónica, simbólica y comunicativamente – un distanciamiento del hablante respecto del contenido de la proposición.” (p.123)

Postula-se, então, o nexos prepositivo como elemento icônico-simbólico, com função de marcar indiretividade e atenuação da asserção, bem como de imprimir distanciamento e/ou não comprometimento do locutor em relação ao conteúdo proposicional. Uma das formas de controlar isso e que se mostra estatisticamente pertinente é correlacionar o tipo de sujeito do núcleo da matriz. Considerei as seguintes diferenças: sujeito em 1ª pessoa singular ou plural com referente definido; sujeito em 2ª pessoa e 3ª pessoa também com referente definido; sujeito impessoal, expresso pelas formas alternativas de impessoalizar o sujeito, tais como “nós”, “a gente”, 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito e “passiva sem agente”. A seguir estão os fatores com a exemplificação respectiva.

A) Sujeito em 1ª pessoa

Esse fator pressupõe que o narrador em 1ª pessoa, facilmente reconhecido e identificado, acha-se comprometido com o conteúdo proposicional, e que tal fato tem correlação com o emprego das variantes “que”/“de que”. Na medida em que a hipótese a ser definida é a de que “de” é mecanismo de distanciamento e/ou descomprometimento do emissor em relação ao enunciado, quanto mais identificado for o sujeito, menos chance de uso de estratégias atenuadoras, tal como o nexos prepositivo; portanto, mais chance ao emprego da variante “Ø que”. Eis alguns exemplos.

(35) “Eu tenho a impressão de que a nossa vida é bem mais parecida com a americana.” (NURC/RJ : 31-DID)

(36) “Eu acredito de que o apoio das autoridades lá era mais do que aqui”. (Político – Dispersos – 01/02/1978)

B) Sujeito em outras pessoas gramaticais

Esse fator sugere, seguindo-se a mesma linha de raciocínio, que sendo o sujeito mais distante do enunciado, porém com referencial facilmente identificável, a variante “Ø que” ainda tem chance de prevalecer sobre a variante “de que”, porém com menor peso que o fator A.

(37) “porque você tem que chegar à conclusão de que os coletivos são mais importantes que o carro.” (NURC/RJ : 31-DID)

(38) “O PSB manteve uma posição de discrição, confiando, é claro, de que seria desagradável à opinião pública”. (Político – Dispersos – 10/02/1978)

C) Sujeito impessoal

Esse fator prevê maior inibição da variante “Ø que”, portanto mais favorecimento à construção “de que”. Entende-se que haja uma correlação entre a impessoalidade do narrador com a estratégia de atenuação de enunciado tal como a de inserir o nexos prepositivo antes da subordinada.

(39) “Então parece que houve histórias de que houve pega de escravos”. (NURC/RJ : 25-DID)

(40) “É preciso compreender também de que é preciso ‘Ø que’ haja união.” (Presidente da República – Dispersos – sem data)

O princípio da iconicidade é examinado em Mollica (1989a) também sob a ótica de outros parâmetros estruturais, tais como “modo”, “tempo” e “voz” verbal, bem como “assertividade”. Neste texto, estou apresentando tão somente os resultados relativos a “tempo verbal”, já que essa foi a variável mais saliente estatisticamente dentre as demais mencionadas. Como já foi dito, a variável “tempo verbal” procura o tipo de foco narrativo, partindo do princípio de que a pessoalidade/impessoalidade é diretamente proporcional à utilização das variantes “Ø que” e “de que” envolvidas: nexos ausente, narrador próximo e “comprometido” com o conteúdo proposicional; nexos distante, narrador também “distante” do conteúdo da proposição.

Os resultados obtidos para esse grupo de fatores estão mostrados na Tabela 3.

De acordo com as estatísticas na Tabela 3, a iconicidade se comprova como princípio regulador do (de)queísmo: a variante “Ø que” vem correlacionada a sujeito “próximo” ao enunciado, e a variante “de que”, a sujeito “distante e/ou não comprometido” com o conteúdo proposicional.

TABELA 3
(De)queísmo: Iconicidade

Variáveis	Fatores	Apl	%	Prob
Pessoa	1ª pessoa	74/564	13	.38
Gramatical	outras pessoas	80/302	26	.53
	suj. impessoal	21/70	30	.58

Essas são evidências indiretas para afirmar-se que o emprego do nexos prepositivo “de” na fronteira fica explicado como estratégia icônico-simbólica de indiretividade e/ou atenuação. É possível, portanto, sustentar a idéia segundo a qual o impulso da língua de inserir “de que” em fronteiras sintagmáticas, primeiramente em fronteiras queístas, posteriormente em fronteiras dequeístas, constitui, de fato, um processo icônico. Tudo indica que tal estratégia reflete o propósito de diminuir o grau de assertividade dos enunciados, na medida em que atenua as declarações e distancia o narrador do conteúdo enunciado.

3 – SUMÁRIO

Neste artigo analisei o (de)queísmo e seus princípios reguladores. Trata-se de variações entre “Ø que”/“de que”, que se alternam em fronteiras sintagmáticas diversas, queístas e dequeístas.

Para tanto, considerei “de que” como a variante inovadora no sistema português nos diversos estágios da língua, tal como descoberto em Mollica (1989a). Confirmei a importância do princípio da analogia, processamento e iconicidade como motivação ao emprego das variantes envolvidas através de análise multivariacional. Reafirmei o fato de que queísmo e dequeísmo realmente constituem as duas faces de um mesmo foco de variação, a qual é motivada por estrutura complexa de condicionamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Martín. *Evolución sintáctica del español*, Madrid : Aguilar, 1972.
- ARAUS, Maria Luz Gutiérrez. Sobre la elisión de preposición ante que relativo. *Lingüística Española Actual VII*, Madrid, n. 7, p. 15–36, 1985.
- ARJONA, Marina. Anomalías em el uso de la preposición ‘de’ en el español de México. *Anuario de Letras*, México, n. 15, p. 68–90, 1978.
- . Usos anómalos de la preposición ‘de’ en el habla popular mexicana. *Anuario de Letras*, México, n. 18, p. 167–184, 1979.
- BELTRÁN GUERRERO, Luis. El dequeísmo. *El Universal*, Caracas, 1 nov. 1975.

- BENTIVOGLIO, Paola. Queísmo y dequeísmo en la habla culta de Caracas. In: AID, F., & RESNICH, M. C. (Orgs.). *1975 Colloquium on Hispanic Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1976. p. 1–18.
- . & D’INTRONO, Francesco. Análisis sociolingüístico del dequeísmo en el habla de Caracas. *Boletín de la Academia Puertorriqueña de la Lengua Española*, Caracas, IUPEMAR, v. 1, p. 58–81, 1977.
- . El dequeísmo en Venezuela: un caso de ultracorrección? *Boletín de filología, en homenaje a A. Rabanales*, Caracas, n. 31, p. 705–19, 1981.
- BOGARD, Sérgio & COMPANY, Concepción. Las oraciones completivas de nombre sin preposición en el español de México: una perspectiva diacrónica. *Actas del 2º Congreso Internacional sobre español de América*. México: Universidad Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1986a.
- . *Estructura y evolución de las oraciones completivas de sustantivo en el español*. México: Universidad Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1986b. 20p. Mimeo.
- BORETTI de MACCHIA, Susana. *(De)queísmo en el habla culta de Rosario*. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, Consejo de Investigaciones, 1988. 29p. Mimeo.
- BRAGA, Maria Luiza. Construção de tópico de discurso. In: NARO, Anthony Julius. *Relatório final de pesquisa: Subsídios sociolingüísticos do projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. v. 1 e 2.
- . & MOLLICA, Maria Cecilia de Magalhães. Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre o sujeito e o predicado e sua função discursiva. In: GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. *O histórico e o discurso*. Uberaba, 1986, p. 24–40. (Série Estudos, 12).
- CASTILHO, Ataliba & PRETI, Dino. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. v. 1.
- DU BOIS, John W. Competing motivations. In: ———. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p. 342–365.
- FONTANELLA de WEINBERG, B. *El español bonaerense: cuatro siglos de evolución lingüística (1580–1980)*. Buenos Aires: Hachette, 1987.
- . Usos anómalos de la preposición *de* en el habla popular mexicana. *Anuario de Letras*, México, n. 18, p. 167–84, 1979.
- GARCIA, Erica. *El fenómeno (de)queísmo: desde una perspectiva dinámica del uso comunicativo de la lengua*. Comunicación apresentada no 2º Congresso Internacional sobre el español de América. Caracas: Instituto Universitario Pedagógico de Caracas, 1986. In: BENTIVOGLIO, Paola (Org.). *Materiales especialmente reproducidos para uso docente en el seminario sobre el español de América*. Escuela de Letras, Universidad Central de Venezuela, abril de 1986. p. 106–27.
- GÓIS, Carlos. *Sintaxe de regência*. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.
- HAIMAN, John. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*, v.56, n. 3, p. 510–40, 1980.
- . Iconic and economic motivation. *Language*, v. 57, n. 3, p. 781–819, 1983.
- . *Natural syntax. Iconicity and erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- HILDEBRANT, Martha. *Peruanismos*. Lima: Moncloa, 1969.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

- . *Social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1982.
- LADEIRA, José Dionísio. *Problemas de termos regidos pela preposição 'de'*. Dissertação (Mestrado em Letras) Rio de Janeiro: PUC, 1977. 115p. Mimeo.
- LAUHLAN, Jessica de. Dequeísmo y queísmo en el habla popular. Lima. *Lexis*, Lima, v. 6, n. 1, p. 11-55, 1982.
- LAZARO CARRETER, Fernando. El dequeísmo. *El Comercio*, Lima, 2 set. 1981. p. 2.
- LLORENTE MALDONADO DE GUEVARA, Antonio. Consideraciones sobre el español actual. *Anuario de Letras*, México, n. 18, p. 5-61, 1980.
- LOPEZ, Maria Luiza. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*. Madrid: Gredos, 1970.
- LORETO RODRIGUEZ, Julio V. Dequeísmo: un peligroso vicio del lenguaje. *Bueno rato*, Caracas, Banco República, 1983.
- MÁRQUEZ RODRIGUEZ, Alexis. El famoso de que. *El Nacional*, Lima, 24 nov. 1985. Cad. 4.
- . el famoso de que (II). *El Nacional*, Lima, 1 dez. 1985. Cad. 4.
- MOLLICA, Maria Cecilia de Magalhães. *O estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Rio de Janeiro: PUC, 1977. 86 p. Mimeo.
- . *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Rio de Janeiro, UFRJ, 1989a. 308 p. Mimeo.
- . A importância de fatores de processamento na variação em português. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, 1989b.
- NARO, Anthony Julius & VÔTRE, Sebastião Josué. *SWAVA: Sistema SWA-MINC/VARBRUL; manual do usuário*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. Mimeo.
- ORTEGA, Kalinina. El dequeísmo se usa más en los hablantes del nivel social medio. *El Nacional*, Lima, 23 dez. 1977. Cad. 6.
- PÁEZ URDANETA, Iriaset. La lengua nuestra de cada día. Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1984. p. 101-4.
- RABANALES, Ambrosio. Queísmo y dequeísmo en el español de Chile. In: *Estudios filológicos y lingüísticos*. Caracas: Instituto Pedagógico, 1974. p. 413-44.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Subordinación substantiva: esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: España – Colpe, 1973. p.514-23.
- ROMERO GARCÍA, Manuel Vicente. *Peonía*. Caracas: Monte Avila, 1980.
- SANCHEZ, Luiz Alberto. Eventomanía y dequeísmo. *El Nacional*, 27 out. 1975, Cad. 4.
- SANKOFF, David. *VARBRUL, version 2*. Montreal : Universidade de Montreal, 1975. Mimeo.
- SANZ, Maria José Quilis. El dequeísmo en el habla de Madrid y en telerradiodifusión española. *Boletín de la Academia Puertorriqueña de la lengua española XIV*. San Juan, n. 14. p. 139-50, 1986.
- SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. Análise funcional da elipse de preposições em português. Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC, 1984.
- SILVEIRA, Souza da. *Sintaxe da preposição de*. Rio de Janeiro : Organização

- Simões, 1951.
- TORRES, Arthur de Almeida. *Regência verbal (novos verbos)*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- ZAPATA, Pedro L. Caricatura. *El Nacional*, 19 fev. 1979. Cad. 4
- . Séptimo Dia. *El Nacional*, 1 jan. 1981.
- . Feriado. *El Nacional*, 16 set. 1984. p. 12.
- . Feriado. *El Nacional*, 20 out. 1985. p. 12.